

BRITTAINY C. CHERRY

Sr.
Daniels

Tradução de
ALDA LIMA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Prólogo

Daniel

Vinte meses atrás

*Não sei o que te dizer,
Não sei nem o que dizer.
Só sei que cuidar de você
Só aumenta o meu sofrer.*

Romeo's Quest

Absorto em pensamentos negativos e aborrecimentos, estacionei o jipe perto do beco. Nunca tinha vindo a esta parte da cidade. Mal sabia que existia. O céu estava mergulhado na escuridão, o frio do inverno me deixava ainda mais irritado. Meus olhos se voltaram para o painel do carro.

Cinco e meia da manhã.

Eu prometera a mim mesmo que não apareceria quando ele chamasse novamente. Suas atitudes haviam criado uma enorme cratera em nossa relação, destruindo tudo o que fomos um dia. Mas eu sabia que não poderia cumprir a promessa de ficar longe. Ele era meu irmão. Mesmo quando estragava tudo — o que acontecia com frequência —, ele ainda era meu irmão.

Pelo menos quinze minutos se passaram até eu ver Jace sair mancando do beco, pressionando um lado do corpo com a mão. Endireitei-me no banco e meus olhos encontraram os dele.

— Droga, Jace — murmurei, saltando do carro e batendo a porta. Eu me aproximei, e a luz de um poste iluminou seu rosto. Seu olho esquerdo estava inchado e fechado, seu lábio inferior tinha um corte profundo; e a camisa branca, manchada de sangue. — O que diabos aconteceu? — perguntei em um sussurro, ajudando-o a andar até o jipe.

Ele gemeu.

Tentou sorrir.

Gemeu de novo.

Bati a porta do carona e corri de volta para o banco do motorista.

— Eles me esfaquearam. — Jace passou os dedos no rosto, o que só espalhou ainda mais sangue. Ele sorriu, mas sua aparência evidenciava a gravidade da situação. — Disse para o Red que eu teria o dinheiro na próxima semana e ele mandou alguns homens para me cobrar. — Ele se encolheu de dor.

— Meu Deus, Jace — suspirei, descendo do meio-fio. Estava amanhecendo, mas de alguma forma parecia mais escuro que antes. — Achei que você tinha parado de vender.

Ele sentou-se mais ereto e seu único olho aberto me encarou.

— Eu parei, Danny. Eu juro. — Ele começou a chorar. — Eu juro por Deus, eu parei. — Ficou claro que ele não estava apenas vendendo, mas também usando de novo. *Merda*. — Eles iam me matar, Danny. Eu sei disso. Eles foram mandados para...

— *Cale a boca!* — gritei, apavorado com a possibilidade de meu irmão mais novo morrer. Fui assombrado por um arrepio e um medo sobrenatural do desconhecido. — Você não vai morrer, Jace. Apenas cale a porra da boca.

Ele chorava e gemia de dor, desesperado.

— Eu sinto muito... não queria arrastar você de novo para isso.

Olhei para ele e respirei fundo. Minha mão parou em suas costas.

— Está tudo bem — menti.

Eu havia me afastado de seus problemas. Eu me concentrei na minha música. Eu me concentrei nos estudos. Estava na faculdade, a

um ano de fazer algo da minha vida. Porém, em vez de me preparar para o exame que faria em poucas horas, eu estaria fazendo curativos em Jace. Perfeito.

Ele mexia nos dedos, olhando para o chão.

— Não quero mais me envolver com essas coisas, Danny. E estava pensando. — Ele olhou para mim antes de desviar o olhar e baixá-lo de novo. — Talvez eu possa voltar para a banda.

— Jace.

— Eu sei, eu sei. Eu estraguei tudo...

— Ferrou tudo — corriji.

— Tá. Mas, você sabe. A única vez que me senti feliz depois de Sarah... — Ele hesitou. Mexeu-se no banco, inquieto. Fiz uma careta. — A única vez que fiquei feliz desde aquele dia foi no palco com vocês.

Meu estômago embrulhou, e não fiz nenhum comentário sobre aquilo. Mudei de assunto:

— Precisamos ir a um hospital.

Seus olhos se arregalaram e ele balançou a cabeça em negativa.

— Não. Nada de hospital — recusou.

— Por quê?

Ele fez uma pausa e deu de ombros.

— A polícia poderia me pegar...

Ergui uma sobrancelha.

— A polícia está atrás de você, Jace?

Ele fez que sim com a cabeça.

Eu xinguei.

Então ele não estava apenas fugindo de pessoas nas ruas, mas também de quem prendia as pessoas nas ruas. Queria que isso fosse uma novidade.

— O que você fez? — perguntei, irritado.

— Isso não importa. — Lancei um olhar frio e ele suspirou. — Não foi culpa minha, Danny. Juro que não foi. Há algumas semanas Red queria que eu dirigisse um carro. Eu não sabia o que tinha dentro dele.

— Você transportou drogas?

— Eu não sabia! Juro por Deus que não sabia!

De que diabos ele estava falando? Pensou o quê? Que estava transportando doces de criança, porra?

Ele continuou:

— Os policiais alcançaram o veículo quando parei em um posto de gasolina para abastecer. Quando saí do posto, o carro estava cercado. Um policial viu que eu estava me afastando do carro e gritou para eu parar, mas não obedeci. Eu corri. Descobri que nossos anos de atletismo na escola valeram a pena. — Ele riu.

— Ah, isso é engraçado? Acha que é engraçado? — perguntei, meu sangue fervendo. — Porque estou me divertindo pra caramba aqui, Jace! — Ele abaixou a cabeça. Suspirei. — Para onde eu levo você?

— Para a casa da mamãe e do papai — respondeu ele.

— Você está brincando, não está? Mamãe não vê você há um ano e a casa dela é o primeiro lugar aonde quer ir? Todo ensanguentado? Está tentando matar a coitada? E você sabe que a saúde do papai está fraca...

— Por favor, Danny — resmungou ele.

— Mamãe caminha nas docas neste horário... — eu disse.

Ele fungou e passou os dedos debaixo do nariz.

— Vou esperar no galpão e me limpar. — Ele fez uma pausa e virou-se para a janela do lado do carona. — Vou ficar limpo — sussurrou Jace.

Como se eu nunca tivesse ouvido isso antes.



Levamos vinte minutos para chegar à casa dos nossos pais. Eles moravam em frente a um lago a poucos quilômetros de Edgewood, Wisconsin. Papai tinha prometido a nossa mãe uma casa no lago um dia, e fazia só alguns anos que ele conseguira comprar este imóvel. Era um quebra-galho, mas era o seu quebra-galho.

Estacionei o carro atrás do galpão. O barco do meu pai estava lá dentro, esperando o inverno passar. Jace suspirou e me agradeceu pela carona. Entramos no galpão, a luz da manhã brilhava pelas janelas.

Entrei no barco, pegando algumas toalhas no convés inferior. Quando voltei, vi Jace sentado olhando para seu corte.

— Não é muito profundo — observou, pressionando-o com a palma da mão. Peguei um canivete, rasguei uma das toalhas e a pressionei em seu ferimento. Jace olhou para a lâmina e fechou os olhos. — Papai te deu a faca dele?

Olhei para o metal na minha mão e fechei o canivete, pondo-o de volta no bolso.

— Peguei emprestada.

— Papai não me deixava nem tocar nessa coisa.

Meus olhos se voltaram para o corte dele.

— Fico imaginando por quê.

Antes que ele pudesse fazer qualquer comentário ouvimos um grito vindo das docas.

— Que diabos... — murmurei, antes de correr para fora com Jace mancando em meu encaicho. — Mãe! — gritei, vendo-a ser puxada por um desconhecido de moletom vermelho com uma arma apontada para suas costas.

— Como nos encontraram? — murmurou Jace para si mesmo.

Olhei para meu irmão, confuso.

— Você sabe quem ele é?! — perguntei, revoltado.

E puto.

E assustado.

Principalmente assustado.

O estranho levantou a cabeça para nos olhar, e eu podia jurar que ele sorriu.

Ele sorriu e disparou a arma.

E correu assim que mamãe caiu.

A voz de Jace ecoou pelo céu. Sons graves, cheios de raiva e medo, enquanto ele corria até nossa mãe. Mas eu cheguei antes.

— Mãe, mãe. Está tudo bem. — Virei para meu irmão e lhe dei um empurrão com força. — Ligue para a emergência.

Ele ficou de pé ao nosso lado, e lágrimas escorriam pelo rosto sujo de sangue.

— Danny, ela não vai... Ela não vai... — Suas palavras eram hesitantes, e o odiei por pensar exatamente o que eu estava pensando.

Enfiei a mão no bolso, tirei meu celular e coloquei-o em suas mãos.

— Ligue! — ordenei, segurando minha mãe em meus braços.

Olhei para cima em direção à casa e vi o rosto do meu pai no instante em que ele se deu conta do que tinha acontecido. No momento em que ele percebeu que tinha, de fato, escutado um tiro e que sua mulher estava, de verdade, imóvel. Seu corpo havia sido bastante prejudicado por problemas de saúde, mas mesmo assim ele corria em nossa direção.

— Alô. A mamãe... *Ela levou um tiro!* — Só de ouvir as palavras saindo da boca de Jace minhas lágrimas começaram a rolar.

Meus dedos correram pelo cabelo da minha mãe, e abracei seu corpo enquanto papai corria até nós.

— Não... não... não... — murmurou ele, caindo no chão.

Agarrei-a com mais força. Agarrei-me aos dois. Ela me olhou com seus olhos azuis, implorando por respostas para perguntas desconhecidas.

— Está tudo bem. Está tudo bem — sussurrei no ouvido de minha mãe.

Eu estava mentindo para ela, e para mim mesmo. Sabia que ela não ia resistir. Algo dentro de mim dizia que era tarde demais e não havia esperança. No entanto, eu não conseguia parar de dizer aquilo, e não conseguia parar de pensar naquilo. E não conseguia parar de chorar.

Você vai ficar bem.

Capítulo 1

Ashlyn

Hoje

*A morte não é assustadora, não é uma maldição.
Eu só queria que tivesse sido eu sua primeira aquisição.*

Romeo's Quest

Sentei-me no último banco. Odiava velórios, mas, pensando bem, acho que seria estranho se gostasse deles. Fiquei me perguntando se havia pessoas que amavam esse tipo de cerimônia. Pessoas que compareciam apenas para absorver toda a tristeza como uma forma doentia de diversão.

Eu estou bem.

Sempre que passavam por mim, reagiam com hesitação, pensando que estavam, na verdade, olhando para Gabby.

— Eu não sou ela — sussurrava para eles, que franziam o cenho e continuavam a andar. — Não sou ela — murmurei para mim mesma, me ajeitando no banco de madeira.

Eu vivia doente quando era mais nova, indo e voltando do hospital entre os 4 e os 6 anos. Acho que havia um buraco no meu coração. Depois de muitas cirurgias e muitas orações, passei a ter uma vida normal. Mamãe pensou que eu ia morrer naquela época, e não pude deixar de achar que tinha ficado decepcionada por Gabby ter morrido agora, não eu.

Ela começou a beber de novo depois que descobriu que Gabby estava doente. Tinha feito de tudo para esconder, mas uma vez fui ver como estava em seu quarto. Ela chorava e tremia em sua cama. Quando deitei ao lado dela para abraçá-la, senti o bafo de uísque.

Minha mãe nunca tinha sido boa com situações difíceis, e o álcool sempre foi sua forma de lidar com seus problemas. As temporadas que Gabby e eu passamos com nosso avô durante suas idas à clínica de reabilitação não tinham ajudado muito. Após a última, ela prometeu que ia parar de beber para sempre.

Mamãe se sentou na primeira fila com seu namorado, Jeremy — a única pessoa capaz de garantir que ela se vestiria todos os dias. Nós não tínhamos nos falado muito desde que Gabby ficou toda egoísta e resolveu morrer. Ela sempre gostou mais da minha irmã. Não era segredo. Gabby gostava das coisas de que minha mãe gostava, como maquiagem e reality shows. Estavam sempre rindo juntas e se divertiam muito, enquanto eu ficava sentada no sofá da sala lendo meus livros.

Eu sabia que os pais sempre diziam que não tinham preferência por um dos filhos, mas como poderiam não ter? Às vezes, eles têm um filho tão parecido com eles mesmos, que poderiam jurar que Deus lhes fizera à sua imagem e semelhança. Isso é o que Gabby tinha sido para mamãe. Mas, às vezes, eles tinham um filho que lia o dicionário para se divertir, porque “palavras são legais”.

Adivinha quem era essa?

Ela me amava o suficiente, mas com certeza não gostava tanto assim de mim. Por mim, tudo bem, porque gostava dela o suficiente por nós duas.

Jeremy era um homem decente, e eu me perguntava se ele seria capaz de trazer de volta a mãe que eu tinha antes de Gabby ficar doente. A mãe que costumava sorrir. A mãe que conseguia olhar para mim. A mãe que me amava, mas que não gostava tanto assim de mim. Eu sentia mesmo falta daquela mãe.

Roendo as unhas pintadas de preto, suspirei. O padre falava de Gabby como se a tivesse conhecido. Ele não a conheceu. Nós nunca

tínhamos ido à igreja, por isso o fato de estarmos ali agora parecia um pouco dramático. Minha mãe sempre disse que a Igreja estava dentro de nós e que poderíamos encontrar Deus em qualquer coisa, então não havia nenhuma razão para irmos lá todos os domingos. Na minha opinião, isso era apenas sua maneira de dizer: “Eu prefiro dormir até mais tarde aos domingos.”

Não dava para ficar dentro daquela igreja por um segundo a mais. Para um lugar de oração e fé, o ambiente propagava uma forte sensação de asfixia.

Virei a cabeça para as portas da igreja na hora em que meus ouvidos foram invadidos por mais um cântico de louvor. *Ai, meu Deus! Quantos louvores existem?* Levantando-me do banco, andei até o lado de fora, sentindo o calor do verão aquecer minha pele. Estava mais quente do que nos anos anteriores. Alguns pingos de suor começaram a rolar da minha testa antes mesmo de eu chegar aos degraus. Puxando o vestido preto que havia sido obrigada a usar, tentei não bambejar sobre a altura pouco familiar de meus saltos.

Algumas pessoas provavelmente pensariam que era estranho eu estar usando o vestido que minha irmã morta havia escolhido. Mas essa era Gabby. Ela sempre foi um pouco mórbida, falando de sua morte antes mesmo de isso ser uma possibilidade, antes mesmo de ficar doente, desejando que eu estivesse o mais bonita possível em seu funeral. O vestido estava um pouco apertado na cintura, mas não reclamei. Quem lá ia dar a mínima para as minhas reclamações?

Sentada no degrau mais alto da igreja, me apoiei nos cotovelos, colocando-os de maneira que eu sentia uma ligeira dor pela pressão que faziam contra o cimento. Funerais eram chatos. Observei uma formiga caminhar pelo degrau mais alto, parecendo tonta e confusa, andando sem rumo.

— Bem, parece que você e eu temos muito em comum, Sra. Formiga.

Protegi meus olhos do sol e olhei para o céu azul. Céu azul idiota, transbordando felicidade. Mesmo cobrindo os olhos, o sol ardia em mim, aquecendo-me com remorso e culpa.

Fiquei de cabeça baixa enquanto estudava os degraus de cimento, circulando a ponta dos meus saltos. Não tinha certeza disso, mas estava começando a achar que a solidão era uma doença. Uma doença infecciosa, nojenta, que demorava a entrar em seu corpo e então te dominava, mesmo que você tentasse combatê-la ao máximo.

— Estou interrompendo? — perguntou uma voz atrás de mim. *A voz de Bentley.*

Virando-me, eu o vi ali de pé com uma espécie de baú do tesouro nas mãos. Ele sorriu para mim, mas seus olhos pareciam tristes. Dei um tapinha no espaço vazio do degrau ao meu lado e ele foi rápido em aceitar meu convite tácito. Gabby havia escolhido sua roupa também. Um blazer azul que cobria sua camisa de malha surrada e rasgada dos Beatles. As pessoas lá dentro estavam provavelmente olhando torto para a roupa que ele escolhera, mas Bentley não ligava para o que os outros pensavam. Ele só se preocupava com uma menina e seus desejos e necessidades.

— Como você está? — perguntei, pousando minha mão em seu joelho.

Seus olhos azuis encontraram os meus verdes, e ele riu primeiro. No entanto, nós dois sabíamos que era uma risada de sofrimento. Meus lábios se curvaram para baixo. Pobre rapaz. Não demorou muito para que ele colocasse aquela caixa ao seu lado e seus ombros curvassem para a frente. Ele cobriu o rosto com as mãos e se encolheu como uma bola nos degraus. Eu quase podia sentir seu coração se partindo em mil pedaços. Só tinha visto Bentley chorar uma vez, e foi quando ele conseguiu os ingressos para ver Paul McCartney. Estas eram lágrimas muito diferentes.

Vê-lo desmoronar me fez sentir tão impotente, que tudo que eu queria era absorver toda a sua dor e mandá-la para o espaço, de modo que ele nunca tivesse que se sentir assim de novo.

— Sinto muito, Bentley — falei baixinho, colocando o braço no ombro dele.

Ele continuou chorando por mais alguns instantes antes de enxugar os olhos.

— Sou um idiota por desabar assim na sua frente. A última coisa de que você precisa é ver alguém caindo aos pedaços. Foi mal, Ashlyn — suspirou ele. Bentley era o cara mais legal que já conheci. Era uma pena que caras legais se machucassem assim, porque todo mundo sabia que seus corações seriam sempre os mais prejudicados.

— Nunca peça desculpas para mim. — Cruzando os dedos, descansei meu queixo nas mãos.

Ele inclinou a cabeça na minha direção e me cutucou no ombro.

— Como *você* está? — perguntou, dando-me aquele mesmo olhar de carinho que sempre dava.

Minha irmã teria ficado ainda mais apaixonada por ele pela forma como se preocupou comigo. No mundo que vinha depois deste aqui, eu tinha certeza de que ela estava com um sorriso no rosto, divertindo-se com o rapper 2Pac e a mãe do Nemo.

Um sorriso se abriu em meus lábios lentamente, e a simples lembrança de que eu não era a única que estava sofrendo me veio à mente. Bentley tinha sido tudo para Gabby, mas Gabby era *o universo* de Bentley. Ele era dois anos mais velho que nós, e nos conhecemos no ensino médio. Gabby estava no segundo ano, e eu no primeiro, pois tinha ficado um ano sem estudar, por causa da minha doença.

Em algumas semanas, Bentley começaria seu segundo ano de faculdade, voltando para o norte para estudar medicina, o que era irônico, uma vez que a dor de seu coração não poderia ser curada por nenhum medicamento.

— Estou bem, Bent. — Era mentira, e ele sabia que era mentira, mas tudo bem. Ele não ia me questionar sobre isso. — Viu Henry lá dentro? — perguntei, virando por um instante para olhar as portas da igreja.

— Vi, sim. Conversamos um pouco. Você falou com ele?

— Não. Também não falei com minha mãe. Há dias não falo com ela. — O tremor em minha voz foi percebido por Bentley, e ele passou

o braço pela minha cintura, me puxando mais perto para um abraço consolador.

— Ela só está de luto. Não é por mal. Tenho certeza.

Passei meus dedos pelos degraus de cimento, sentindo a textura áspera na minha pele lisa.

— Acho que ela gostaria que tivesse sido eu — confessei baixinho. Uma lágrima caiu pelo meu rosto, e virei para Bentley, que parecia estar sofrendo bastante com minhas palavras. — Acho que ela não consegue nem olhar para mim, porque, bem... sou a irmã gêmea má que continuou viva.

— Não — falou com autoridade. — Ashlyn, não há um pingão de maldade em você.

— Como você sabe?

— Bem... — Ele endireitou-se e abriu um sorriso bobo. — Sou médico. Em formação, pelo menos. — Não pude deixar de rir com seu comentário. — E, só para você saber, durante a última conversa que Gabby e eu tivemos, ela não parava de repetir como estava feliz por não ser você no lugar dela.

Mordi meu lábio inferior, tentando conter as lágrimas que estavam prestes a rolar.

— Obrigada, Bentley.

— Disponha, amiga. — Ele me abraçou uma última vez antes de nos separarmos. (O que me leva ao próximo assunto.) Ele pegou a caixa ao seu lado e a colocou no meu colo. — É de Gabby. Ela me pediu para dar essa caixa a você depois do funeral. Não sei o que tem dentro. Ela não quis me contar. Só me disse que era para você.

Olhei para a caixa de madeira, passando os dedos nela. O que poderia haver ali dentro? O que poderia deixá-la tão pesada?

Bentley se levantou dos degraus e colocou as mãos nos bolsos. Escutei seus passos enquanto ele se aproximava das portas da igreja e abria uma delas, fazendo o murmúrio de choro que vinha lá de dentro parecer muito mais danoso. Não levantei o olhar, mas sabia que ele ainda estava ali.

Ele pigarreou e esperou alguns instantes antes de falar.

— Eu ia pedir Gabby em casamento, sabe?

A caixa de madeira no meu colo pesou em minhas coxas, e senti o sol de verão perfurando meu rosto, cuspidando sua luz na minha pele. Sem olhar para ele, assenti.

— Eu sei.

Uma expiração profunda saiu de seus lábios quando ele se virou para entrar de novo na igreja. Fiquei sentada ali por mais algum tempo, em silêncio, pedindo que o sol me derretesse sobre os degraus. Pessoas vagavam por ali, mas ninguém parava para olhar. Estavam ocupados demais vivendo suas vidas para notar que a minha tinha de alguma forma chegado a um impasse.

A porta da igreja voltou a abrir, só que desta vez foi Henry quem veio sentar-se ao meu lado. Ele não falou muito, mas se sentou longe o suficiente para que eu não me sentisse muito desconfortável. Mexendo no bolso de seu terno, ele tirou um maço de cigarros e acendeu um.

Uma nuvem de fumaça saiu de seus lábios, e assisti aos padrões hipnóticos que ela fazia no ar antes de se dissipar.

— Você não acha que é um pouco macabro fumar na escadaria de uma igreja?

Henry bateu algumas cinzas da ponta do cigarro antes de responder.

— Considerando que o mundo acaba de enterrar uma das minhas filhas, acho que posso fumar um cigarro nessas escadas e dizer: “Foda-se, mundo.” Pelo menos hoje.

Eu dei uma risada, repleta de sarcasmo.

— Parece um pouco ousado da sua parte nos chamar de filhas depois de dezoito anos só de telefonemas de aniversário e cartões de Natal. — Era a primeira vez depois de muito tempo que Henry viajava de Wisconsin até aqui.

Ele não quis que sua missão na vida fosse ganhar uma caneca de Melhor Pai do Mundo, e aprendi a lidar com isso. Mas, ele vir aqui, logo hoje, e desempenhar o papel de pai de luto parecia um pouco dramático, até mesmo para o cara fumando um cigarro.

Henry respirou fundo, sem falar nada. Ficamos sentados e observamos as pessoas por um bom tempo, o suficiente para que eu me sentisse mal pela maneira como havia falado com ele.

— Foi mal — murmurei, olhando para ele. — Não quis dizer isso. — Eu não tinha nem certeza de que aquilo o deixara chateado comigo. Acho que às vezes era mais fácil ser cruel do que ficar magoada.

Em pouco tempo, Henry revelou o verdadeiro motivo por ter se juntado a mim ali fora.

— Falei com sua mãe. Está sendo bem difícil para ela. — Sem comentários de minha parte. É claro que ela estava passando por um momento difícil! Sua filha favorita estava morta! Ele continuou: — Concordamos que seria melhor se você fosse morar comigo. Começar e terminar seu último ano do ensino médio em Wisconsin.

Desta vez, ri de verdade.

— Ah, tá, Henry. — Pelo menos ele ainda tinha senso de humor. Um senso de humor estranho, mas ainda assim engraçado. Ao me virar para ele, vi o olhar de tristeza enchendo seus olhos verdes; o mesmo tom de verde dos meus. E de Gabby. Meu estômago doeu. Meus olhos ficaram marejados. — Você está falando sério? Ela não me quer mais aqui?

— Não é isso... — Ele hesitou, sem querer me ofender.

Mas *era* isso. Ela não me queria mais. Por que mais ia querer me mandar para a terra das vacas, do queijo e da cerveja? Eu sabia que estávamos passando por um momento difícil, mas é pelo que toda família passa após uma morte. Elas passam por momentos difíceis. Pisam em ovos. Gritam quando precisam e choram enquanto gritam. Elas desmoronam. Juntas!

As dores de estômago das últimas semanas estavam de volta, e eu me odiava por sentir que ia desmaiar. *Não na frente de Henry. Não desmaie na frente dele.*

Levantei-me do degrau, a caixa de madeira debaixo do braço esquerdo. Espanando a parte de trás do meu vestido com a mão direita, me virei para a igreja.

— Está tudo bem — menti. Por minha mente passava um turbilhão de pensamentos desesperados sobre o que estava por vir. — Além do mais... quem precisa ser querida, afinal?



Havia se passado uma semana desde o enterro, e minha mãe tinha ficado com Jeremy a maior parte do tempo. Para ser sincera, não foi exatamente como eu tinha imaginado que seriam as últimas semanas do verão — chorando sozinha dentro de casa todas as horas do meu dia. Eu era oficialmente patética.

A boa notícia, eu não tinha chorado nos últimos dez minutos. O que era uma grande vitória.

Depois de percorrer o corredor, parei e encostei no batente da porta do que costumava ser nosso quarto. E lá estava, descansando na minha penteadeira: sua pequena caixa de maravilhas. Toda a vida de Gabby, ou pelo menos o que ela sonhara que um dia seria, estava ali dentro, eu simplesmente sabia. Podia ser instinto, coisa de gêmeos, mas eu sabia.

Era uma caixa pequena, simples, de madeira, e eu tinha sido instruída a abri-la na noite do funeral, mas, até agora, só tinha olhado para ela em minha penteadeira.

Levantei a caixa e encontrei a chave colada no fundo. Desprendendo a chave, fui até a cama do lado direito do quarto, olhando para a outra, do lado esquerdo. Meu corpo despencou no colchão duro, e coloquei a chave na fechadura.

Abri o baú do tesouro sem pressa. Soltei naquele pequeno espaço a respiração que estava segurando, e algumas lágrimas caíram dos meus olhos. Rapidamente, enxuguei o rosto mais uma vez e dei um suspiro profundo.

Dois segundos. Eu não tinha chorado nos últimos dois segundos. Então era uma pequena vitória.

Dentro da caixa havia uma quantidade absurda de envelopes. E, por cima deles, uma tonelada de velhas palhetas de violão de Gabby. Ela

tocava muito bem e sempre tentava me ensinar a tocar aquele maldito violão dela, mas tudo o que fiz foi machucar os dedos e perder tempo, quando poderia ter ficado trabalhando no meu livro inacabado.

Eu me senti imediatamente mal por não ter me esforçado mais para aprender a tocar, porque Gabby tinha dedicado seu tempo para me ajudar a escrever meu livro, que eu sabia que nunca seria concluído agora.

No canto da caixa havia um anel; o anel de compromisso que Bentley lhe dera. Passei-o entre meus dedos por um tempo antes de colocá-lo de volta na caixa. Esperava que ele estivesse bem. Ele era o mais próximo de um irmão que eu tinha, e desejei que pudesse voltar a ser ele mesmo, o cara divertido que sempre foi.

O restante eram cartas; uma tonelada de cartas. Havia pelo menos quarenta envelopes lá dentro, cada um numerado e marcado com palavras, cada um selado com um coração. O que estava no topo dizia: “Leia esse primeiro.” Colocando a caixa sobre o colchão, peguei o envelope e, lentamente, rasguei a aba superior.

Irmãzinha,

Cobri meus lábios com os dedos ao ver a carta de Gabby. Fiquei dividida, pois queria chorar por ver sua letra e rir ao pensar nela me chamando de “irmãzinha”. Tinha chegado ao mundo quinze minutos antes de mim, e nunca me deixava esquecer aquilo, sempre me chamando de “irmã mais nova” ou “criança”. Continuei lendo, desejando poder ver o conteúdo de todos os envelopes na caixa, querendo sentir sua conexão comigo naquele momento.

Vou começar dizendo que eu te amo. Você é o meu primeiro e meu melhor amor. Sim, eu entendo que essas cartas podem parecer um pouco mórbidas, mas Carpe Diem, certo? Pedi a Bentley que mandasse você abrir a caixa na noite do funeral, portanto, sei que você provavelmente já esperou um ou dois dias.

— Ou sete — murmurei, e não pude deixar de sorrir enquanto lia a linha seguinte.

Ou sete. Mas senti que tínhamos deixado tanta coisa inacabada. Tanto que não somos capazes de fazer... Desculpe por não poder estar na sua formatura. Desculpe por não poder ficar bêbada com você quando fizer 21 anos. Desculpe por não poder ir a sua primeira noite de autógrafos. Estou tão, tão triste por não poder estar lá para abraçá-la após seu próximo fim de namoro, nem ser sua dama de honra em seu casamento exagerado.

Mas preciso que você faça uma coisa para mim, Ash. Preciso que pare de se culpar. Agora mesmo! Pare com isso! Preciso que em algum momento comece a seguir em frente. Eu sou a pessoa que morreu, não você. Entendeu? Então, na página seguinte está sua lista de coisas a fazer antes de morrer. Sim, fiz sua lista de coisas a fazer antes de morrer, porque sabia que você nunca faria isso. Para cada item cumprido há uma carta que você deve abrir, como se eu estivesse bem ali do seu lado.

Então, comece a ler a lista. NUNCA abra uma carta até ter concluído a tarefa. E, pelo amor de Deus, tome um banho, escove o cabelo, e coloque um pouco de maquiagem. Você está horrível. Parecendo o resultado do cruzamento entre o Diabo e o Garibaldo de Vila Sésamo.

Sinto muito por todas as lágrimas, e sinto muito que esteja se sentindo tão perdida e sozinha. Mas confie em mim...

Você está indo muito bem, garota.

Gabrielle

Mudei para o segundo pedaço de papel e olhei para a minha “lista de coisas a fazer antes de morrer”. Não fiquei surpresa com a precisão da lista quanto às coisas que pretendíamos fazer juntas, sobre as quais costumávamos conversar. Pular de paraquedas, ler a obra completa de Shakespeare, se apaixonar, publicar um livro e ter uma sessão de autógrafos impressionante com cupcakes, ter filhos gêmeos, namorar o cara errado, ser aceita na Universidade do Sul da Califórnia. Essas eram apenas algumas das coisas que sonhei fazer. Mas alguns itens da lista eram um pouco mais Gabby do que eu.

Perdoe Henry, chore porque está feliz e sorria porque está triste, fique bêbada e dance em um bar, devolva a Bentley o anel de compromisso, cuide da mamãe, recrie a cena infame de *Titanic*.

A porta do apartamento se abriu devagar, e vi minha mãe em pé na sala de estar, andando para lá e para cá. Coloquei as cartas de volta na caixa e a fechei. Saindo do quarto, parei diante dela, e ela olhou para mim por um longo tempo. As lágrimas encheram seus olhos, e ela abriu a boca como se quisesse me dizer alguma coisa, mas nada saiu. Seus ombros subiram e desceram, deixando nada além de silêncio.

Ela parecia tão acabada, desgastada, despedaçada.

— Estou indo para a casa do Henry amanhã — comecei, transferindo o peso de um pé para o outro no chão acarpetado. Por um breve momento, mamãe começou a tremer. Pensei em retirar o que disse e ficar naquele apartamento. Mas antes que eu pudesse começar, ela falou:

— Isso é bom, Ashlyn. Quer que Jeremy leve você até a estação de trem?

Fiz que não com a cabeça. Meu coração batia forte no peito enquanto meus dedos formavam punhos cerrados.

— Não. Eu dou um jeito. E, só para você saber, não vou voltar. — Minha voz falhou, mas contive as lágrimas. — Nunca. Eu te odeio por me abandonar quando mais precisei de você. E nunca vou te perdoar.

Ela olhou para o chão, com uma postura ainda mais curvada. Então, olhou para mim mais uma vez antes de voltar para a porta.

— Faça uma boa viagem.

E, com isso, ela me deixou ali, mais uma vez, sozinha.